

Com 85 anos, faleceu no dia 17 de setembro, o escritor Luís Forjaz Trigueiros. Iniciou-se cedo na imprensa, sendo em 37 um dos fundadores do Semanário literário *Bandarra*. Um ano antes publicara o conto *Caminho sem Luz*, que obteria o Prêmio Fialho de Almeida e seria a primeira de cerca de duas dezenas de obras literárias que constam da sua bibliografia. No final dos anos 30, Luís Forjaz Trigueiros viveu em Paris, regressando para Lisboa para dirigir o *Diário Popular*, o que fez até meados dos anos 50. Muito ligado ao Brasil contribuiu para divulgar em Portugal alguns dos seus melhores escritores, sobre os quais escreveu textos ensaísticos e críticos. Após o derrube da ditadura, com o 25 de abril, foi para o Brasil, onde foi diretor literário da editora Nova Fronteira de Carlos Lacerda, regressando alguns anos mais tarde. Era sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras e membro da Academia de Ciências de Lisboa.

Em 1972, no dia 22 de maio, realizou a aula inaugural da Semana de Estudos Camonianos, na celebração do 4º Centenário de "Os Lusíadas". Na ocasião, em reconhecimento de seus méritos culturais e literários, o Conselho Universitário atribuiu-lhe o título de Doutor Honoris Causa da PUCRS. A outorga do grau pelo Reitor Irmão José Otão, aconteceu com grande solenidade na abertura da Semana de Estudos Camonianos. Disertou sobre o tema: Visão sócio-política dos séculos XV e XVI.

Alguns títulos dos livros de Forjaz Trigueiros existentes na Biblioteca Central:

Perspectiva, 1961. 241p., Função social e cultural dos meios audiovisuais na informação, 1962. 45 p., Ventos e Marés, 1964. 224p., Novas perspectivas: temas de literatura 1962-1968. Lisboa, 1969, 299p., Monólogo em Éfeso, 1972. 280 p., O carro do feno: contos e novelas, 1974. 272 p., Paisagens portuguesas: uma viagem literária. Rio de Janeiro, 1985. 144p., Um jardim em Londres, 1987. 190p., As horas extraordinárias, Rio de Janeiro, 1988. 181 p., O ultramar português: Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor, 242p. (Antologia da Terra Portuguesa)

Ir. Elvo Clemente

O tópico no texto argumentativo

Leci Borges Barbisan¹

Rejane Flor Machado²

Introdução

Este trabalho apresenta o estudo de como aparece o tópico em textos argumentativos orais e escritos na língua portuguesa. Para a realização da pesquisa, parte-se do pressuposto de que há especificidades na realização e na organização do tópico nesse tipo de texto, tendo-se presente as duas modalidades de linguagem e, como parâmetro, estudos do tópico feitos em textos narrativos e conversacionais.

Em apoio à análise dos dados, utiliza-se a proposta teórica de Talmy Givón em relação ao tópico, encontrada em diferentes momentos de sua obra. Sabe-se que Givón estuda textos narrativos e conversacionais. Quer-se verificar, entretanto, com o auxílio de seu modelo, como se realiza o tópico no texto argumentativo, tendo presente a concepção de que o tópico se expressa e se realiza de modos diferentes em diferentes tipos de texto.

Dentre os princípios que sustentam as análises, e que serão a seguir apresentados, são definidos alguns conceitos como: texto, texto argumentativo, tópico na língua oral e língua escrita e tópico na argumentação. Uma metodologia para a análise dos

¹ Esta pesquisa foi desenvolvida de 1994 a 1996 no Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, sob a coordenação de Leci Borges Barbisan, a partir do projeto *Tópico e compreensão de textos argumentativos orais e escritos*, apoiado pelo CNPq, que concedeu bolsa de Produtividade em Pesquisa e de Apoio Técnico à Pesquisa.

² Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

³ Professora na Faculdade Portoalegrense de Ciências e Letras (FAPA).

dados será proposta e aplicada a textos argumentativos orais e escritos.

2. Pressupostos teóricos

2.1 O conceito de texto

Entre as diversas concepções de texto destaca-se aquela que o vê não só como unidade formal e semântica, mas também como unidade funcional de comunicação, advindo daí a importância do ato de interação para a construção do significado.

Como unidade pragmática, então, entende-se o texto, que pode ser constituído de uma palavra, uma única frase ou de uma seqüência de frases, e seu significado como uma representação do mundo real e como o resultado do modo de interação entre seus interlocutores.

Visto assim, o texto tem não só propriedades internas, que concernem à sua estrutura e à sua textura, como também características advindas de fatores externos, dos contextos em que ocorre. Esse reconhecimento leva à afirmação de que texto é produto e processo (Halliday, 1987). É produto porque é resultado e pode ser representado sistematicamente, é fruto de um contexto. É processo porque presume uma escolha semântica contínua na rede de significados potenciais presentes em um acontecimento interativo entre falantes.

2.2 O texto argumentativo

Para se falar de texto argumentativo, é necessário que se entenda o que é argumentação. Conforme Anscombe e Ducrot (1976), trata-se de uma estratégia discursiva que se marca pela intenção do locutor de fazer com que o seu ponto de vista seja admitido pelo interlocutor ou simplesmente que o locutor defenda a pertinência de seu próprio ponto de vista.

Segundo Vignaux (1973), a argumentação deve ser relacionada a uma classe de discursos que comportam ao menos duas características: a primeira, de que esses discursos contêm teses que traduzem direta ou indiretamente a posição do locutor; a segunda, de que eles remetem sempre a um outro, indiví-

duo ou grupo, marcado discursivamente ou não. Destacam-se, então, dois aspectos na definição de argumentação: o que diz respeito à estrutura da argumentação e o que se refere à interlocução.

A estrutura da argumentação tem premissa e conclusão. As premissas são constituídas por opiniões aceitas ou aceitáveis. A relação premissa/conclusão é do domínio do verossímil, não do verdadeiro. Assim, o objetivo da argumentação, como explica Perelman (1977), não é o de provar a verdade da conclusão a partir da verdade das premissas, mas o de transferir para a conclusão a adesão às premissas.

Quanto à interlocução na argumentação, Charolles (1980) descreve a interação entre argumentador e argumentatário. O argumentador busca modificar ou reforçar o julgamento de um sujeito argumentatário em relação a uma tese ou conclusão. Toda conduta argumentativa, segundo Charolles, tem lugar em uma dada situação, engaja participantes, diz respeito a um objeto ou campo problemático, visa a um fim, que é a adesão de um argumentatário a uma tese, e exige do argumentador meios ou instrumentos que são os argumentos. É na relação de interlocução entre sujeitos no ato de argumentar que se constitui o texto argumentativo.

Por outro lado, falar em texto argumentativo significa falar em tipologia textual. Adam (1987) faz referência à complexidade dessa questão. Propõe que o estudo tipológico seja feito não mais no nível do texto, mas no da seqüência. A seqüencialidade argumentativa, considerada como relevante para este trabalho, é constituída das seguintes categorias: tese anterior, premissas, argumentos, conclusão, nova tese. Essa ordem não é imutável e categorias como tese anterior, premissas, conclusão podem ser subentendidas.

A tese é uma proposição "primeira", passível de ser provada, isto é, digna de ser aceita como verossímil. É uma afirmação que o argumentador submete à aprovação do interlocutor. A tese orienta o discurso, mas é também uma tomada de posição, um engajamento do locutor (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1958).

Para conseguir a adesão do interlocutor à sua posição, o argumentador se serve de argumentos. Um argumento é uma

proposição ligada a outra de tal modo que, pelo elo que se estabelece, aquela seja a razão desta. (Angenot, 1982).

Lane (1987) lembra o fato de que muitas vezes uma superestrutura argumentativa pode conter unidades de superfície narrativas, injuntivas, dialogais, etc., marcando a heterogeneidade textual. Textos heterogêneos são evitados nesta pesquisa.

2.3 O tópico

Para o estudo do tópico em textos argumentativos orais e escritos, busca-se nesta pesquisa a proposta funcionalista de Givón. Para esse autor, a linguagem, em sua organização nocional, funcional e estrutural, é estreitamente controlada e, ao mesmo tempo, motivada pelo sistema cognitivo. Os elementos referenciais tópicos são usados para codificar a coerência referencial. Esses elementos têm a tarefa de acionar operações específicas na mente do receptor. Tais operações envolvem os domínios cognitivos da atenção e da procura do referente na memória. É a informação velha que age como suporte para a informação nova. Acrescenta-se a essas ponderações o fato de o discurso humano ser verbalmente codificado através, primordialmente, de nomes.

De acordo com a teoria apresentada por Givón, o tópico só é uma noção relevante no nível do discurso. O estudo do tópico em sentenças isoladas é um passo preliminar necessário para a identificação dos recursos morfossintáticos de codificação, mas a visão do tópico como "a respeito do que se fala" ou "o que é importante" só é verdadeira se o tópico pode ser assim designado em um número sucessivo de sentenças.

Sob a perspectiva interativa, Givón (1990, 1992) interpreta a gramática da topicalidade como um conjunto de instruções de processamento mental. A interação ocorre na mente de ambos os participantes. O falante/escritor usa os recursos da gramática da topicalidade para construir a comunicação. Esses sinais ativam a atenção e acionam a memória episódica. O texto é estocado na memória e os tópicos funcionam como indicadores de como e onde a informação deve ser registrada. Os tópicos são etiquetas de arquivo para a armazenagem na memória episódica. As etiquetas de arquivo são tornadas assim perceptual-

mente salientes pelo emissor, que nelas embasa a informação para o receptor.

Em relação ao conteúdo informacional, todas as sentenças tendem a ser híbridas: parte velha e parte nova. É velha, a informação que o emissor pressupõe ser acessível ao receptor. Nova, é aquela que o emissor pensa ser inacessível ao receptor. Segundo Givón (1990, 1992), o equilíbrio entre o novo e o velho reflete objetivos de interação comunicativa e também limites cognitivos em relação ao processamento das informações. A dicotomia velho/novo é uma consequência natural da coerência em discurso multiproposicional, diz Givón (1984).

A continuidade referencial tópica é fator importante para a coerência temática do discurso. As histórias, capítulos ou parágrafos temáticos são construídos através de seqüências de sentenças que compreendem o mesmo tema, tendendo a manter o mesmo tópico, ou seja, um elemento nominal que aparece de maneira recorrente.

Na abordagem cognitiva proposta por Givón (1990, 1992), a acessibilidade ou previsibilidade referencial diz respeito à procura cognitiva pelo referente nominal já existente no contexto discursivo armazenado. A acessibilidade referencial é marcada pelos elementos anafóricos da gramática da topicalidade. Esses elementos indicam ao receptor se o tópico é atualmente ativo ou inativo. Se ativo, a informação que o acompanha continua a ser registrada no mesmo arquivo da memória que a informação anterior. Se inativo, mas definido e importante, deverá ser reativado através dos vários recursos gramaticais existentes nesse contexto, para que a informação nova seja, então, registrada sob essa etiqueta.

Tratando-se, ainda, da continuidade referencial, outro aspecto a salientar é o da importância temática. Esta diz respeito à pertinência catafórica do tópico. A importância temática vincula-se à ativação de tópicos importantes e à não-ativação dos não-importantes. Os elementos catafóricos indicam ao ouvinte/leitor se o referente é importante e, portanto, precisa ser ativado para ser utilizado como etiqueta para um arquivo recentemente aberto na memória episódica.

Givón (1989) salienta que o esforço mental usado para processar a informação interfere nos recursos de codificação do

referente. O mesmo autor (1988) aponta a necessidade de utilização de recursos expressivos que assinalem diferentes graus de importância temática aos participantes, quando houver, no discurso, referência a outros participantes ou tópicos.

As estratégias de codificação tais como a quantidade de codificação, a repetição do tópico, a ordem das palavras são recursos icônicos que assinalam no discurso como a informação deve ser processada. Em particular o uso da ordem das palavras é significativo tanto para marcar as funções de topicalidade e referência, quanto, em uma visão mais global, para marcar a coerência temática, aspectos que são particularmente relevantes para o estudo em questão.

Essas estratégias de codificação, utilizadas de forma particular, evidenciam certas estruturas consideradas mais complexas, onde o processamento requer mais atenção, esforço mental ou tempo de processamento. São estruturas menos frequentes e o uso dos recursos de codificação torna-se marcado e, portanto, cognitivamente mais saliente.

Tendo presentes essas informações, o falante/escritor usará dos recursos gramaticais que acredita serem convenientes para codificar a informação em determinada situação. Esses recursos gramaticais, obedecendo a determinações funcionais, tendem a registrar a dimensão cognitiva que subjaz ao uso das estruturas sintáticas formais, procedimento imprescindível para o processamento da informação pelo leitor. O recurso gramatical poderá ser considerado mais marcado em termos de sua pressuposição discursiva, se é usado em situações onde o falante/escritor presume que o ouvinte/leitor irá ter mais dificuldade em identificar o referente.

2.4 Língua oral e língua escrita

A língua oral e a língua escrita têm naturezas diferentes, funções e contextos diferentes e significam de modos distintos.

Uma das primeiras questões colocadas por Halliday (1989) sobre o assunto é a que afirma que tudo o que é falado pode ser escrito, sendo a escrita uma forma alternativa de expressão da fala. De acordo com essa concepção, a língua oral não é menos estruturada do que a escrita e é tão altamente or-

ganizada quanto esta. Tanto o oral quanto o escrito são complexos, cada um a seu modo.

Não se pode dizer que fala e escrita formam uma simples dicotomia. Assim, por exemplo, apesar da dificuldade de representar traços prosódicos, um mecanismo é usado, na escrita, para suprir essa deficiência: a pontuação. Além de estabelecer limites de sentenças, orações, sintagmas, palavras e morfemas, e de definir relações, assinalando ligações entre palavras (por meio de hífen, travessão, parênteses, apóstrofe), a pontuação tem o papel de indicar a função na fala: como na afirmação, na pergunta, na exclamação, etc. (Halliday, 1989).

Nessa mesma obra, Halliday estabelece distinção entre oral e escrito em relação a itens lexicais e a itens gramaticais. Ao comparar oral e escrito, ele afirma que o oral apresenta mais itens gramaticais do que lexicais, o contrário acontecendo com o escrito, onde os itens lexicais são mais frequentes. Sob esse aspecto, a língua escrita é mais densa do que a oral.

Outra diferença entre oral e escrito é apontada por Redeker (1984) e diz respeito ao processamento nas duas modalidades. Memória, atenção e trabalho são impostos ao falante e ouvinte, bem como a competição pela tomada do turno, favorecendo um estilo fragmentado no oral. No escrito, o processo de produção permite mais deliberação e o leitor segue seu ritmo e até mesmo resgata informações anteriores no texto.

Quanto a fatores contextuais, Redeker afirma que o discurso falado, não-planejado e informal, é dirigido a um número limitado e conhecido de ouvintes, que interagem com o falante, dando-lhe retorno imediato. O texto escrito, por sua vez, formal e bem planejado, atinge leitores geralmente não presentes e muitas vezes desconhecidos do escritor. O tema da fala é, de acordo com Redeker, em grande parte sobre experiências pessoais, enquanto o da escrita está mais centrado em informações explicativas e descritivas.

A noção de planejamento contém a idéia de reflexão prévia e de organização. Assim, discurso não-planejado é fala que não foi pensada antes de ser expressa. Já o discurso planejado é o que pode ser pensado e organizado antes de sua realização.

Givón (1979) aponta para diferenças profundas, no que se refere aos dados lingüísticos, entre discurso planejado e não-planejado. Numa perspectiva evolucionista, ele mostra a passagem do modo pragmático para o sintático, de estruturas paratáticas frouxas para estruturas gramaticalizadas. O discurso não-planejado tende a apresentar mais construções topicalizadas com deslocamento à esquerda, predomínio da coordenação, simplificação da morfologia, orações curtas, com estrutura tópicocomentário proeminente.

No que concerne à complexidade sintática, o oral apresenta mais orações justapostas, enquanto o escrito mostra mais orações encaixadas. A ordem das palavras é rígida no escrito e flexível no oral. O processamento do discurso oral é lento e hesitante, contrapondo-se ao processamento rápido e fluente do escrito (Givón, 1995).

Deve-se ter presente, entretanto, que as peculiaridades anteriormente mencionadas pertencem aos extremos planejado/não planejado. Ochs (1979) alerta para o fato de que muitos discursos não se enquadram nesses extremos. Frequentemente se encontra linguagem que é relativamente planejada ou relativamente não-planejada. Também Givón estabelece um continuum do oral/informal ou escrito/formal em termos de gramaticalização e complexidade sintática. Os traços que caracterizam o oral e o escrito se manifestam mais em termos de tendências distribucionais do que de presença ou ausência absolutas.

Nesta pesquisa, não se ignoram os vários graus de formalidade e informalidade dos discursos escritos e orais. Escolheu-se analisar um *corpus* constituído de textos produzidos pela mídia (televisão, rádio, jornais, revistas), tais como entrevistas argumentadas e textos de opinião, representativos de diferentes graus de planejamento/formalidade nos discursos orais e escritos.

2.5 O tópico em língua falada e escrita

A forma como se organiza o tópico é vista aqui como um dos aspectos que distinguem oral/mais informal e escrito/mais formal. O falante/escritor pode manter ou não a continuidade de um tópico, dependendo de sua pressuposição sobre a acessi-

bilidade da informação para o ouvinte/leitor, em relação à situação discursiva, ao conhecimento prévio do ouvinte/leitor e à acessibilidade de informação no contexto textual. De acordo com essas informações, o falante/escritor usará os recursos gramaticais que acredita serem convenientes para codificar a informação. O recurso gramatical será mais marcado se o falante/escritor presume que o ouvinte/leitor terá mais dificuldade em identificar o tópico.

Bernard Combettes (1986) estuda, no oral e no escrito, como se dá a textualização de unidades "novas" e como se realizam as retomadas de unidades já introduzidas no texto. No oral, dificilmente se encontram enunciados introduzidos por um elemento inteiramente novo, uma tendência menos nítida no escrito. Para evitar a introdução abrupta de um elemento novo no discurso oral, vários procedimentos são utilizados. Um deles é o uso de apresentativos como "é", "há". Outro é o uso de verbos de percepção, cujo sujeito é o locutor ou um personagem. A inversão do sujeito, na ordem OVS, em que o sujeito introduz um elemento novo, também pode ser utilizada.

Em outras pesquisas foram encontradas considerações importantes para este trabalho. Pontes (1987), por exemplo, cita as sentenças clivadas e a construção passiva como específicas de discursos escritos. Por outro lado, constatou a presença de deslocamento à esquerda⁴ com pronome-cópia, construção pressuposta como do oral, também no escrito, mas com bem menos frequência do que no oral.

O trabalho desenvolvido por Koch et al (1990) sobre o português oral tem como foco de investigação a descontinuidade temática, responsável por um fluxo mais lento de informação, em diálogos. Na análise, os autores voltam sua atenção

⁴ *Deslocamento à esquerda* e *topicalização* são designações para construções de tópico, ou topicais, isto é, construções típicas do modo pragmático, com uma estrutura que diverge das sentenças ditas sintáticas. A diferença prende-se à existência de ruptura na linearidade sintática, em que se pode perceber uma ligação frouxa entre os integrantes das sentenças. As sentenças com deslocamento à esquerda caracterizam-se por apresentarem normalmente um pronome cópia. Sinalizam a continuidade do discurso: sua função é, portanto, eminentemente coesiva. As topicalizações, ao contrário, são contrastivas, através do deslocamento de elementos da frase indicam frequentemente a troca de um tópico para outro.

para o tipo de planejamento encontrado na língua oral dialogada, focalizando os procedimentos de inserção e de reconstrução no interior da unidade discursiva.

Partindo do trabalho de Koch et al (1990), Jubran (1993) se propõe a estudar a inserção, apresentando uma outra classificação de modalidades desse fato lingüístico, baseada nas concepções de tópico discursivo e de estruturação tópica na conversação. O tópico tem então dois traços: centração e organicidade. A centração é a concentração em um determinado assunto. Pela organicidade, a topicalidade se manifesta por relações de interdependência em dois planos: o hierárquico, conforme as dependências de superordenação e subordinação entre tópicos, e o seqüencial, de acordo com as articulações intertópicas. Há assim uma organização linear e outra vertical. A vertical se estabelece entre supertópicos e subtópicos. A linear corresponde à progressão dos tópicos no desenrolar do diálogo.

Jubran propõe outros critérios para o estudo da inserção. São marcas que surgem em frases parentéticas: ausência de conectores lógicos entre os parênteses e o enunciado onde se encaixa; pausa antes e depois da frase parentética; mudança de entonação e de velocidade de elocução na parte inserida; incompletude do enunciado que antecede o parêntese; marcas, como repetição de elementos anteriores, para a retomada de um tópico suspenso.

Observam-se poucos estudos que inter-relacionem as duas modalidades de linguagem. Encontram-se na literatura específica vários trabalhos, além dos mencionados, como Braga (1986), Callou et al (1993), que estudam o tópico na linguagem oral. Com bem menos freqüência aparecem estudos sobre o tópico no texto escrito. Há, todavia, falta de estudos que articulem o oral e o escrito quanto ao tópico.

2.6 Tópico e argumentação

Como já dito anteriormente, esta pesquisa pretende estudar a realização do tópico em produções orais e escritas, limitando-se às argumentativas, tomando como modelo teórico, para apoiar as análises, a proposta de Givón para o estudo do tópico.

Na maior parte de seus trabalhos, Givón restringe-se a um tipo de texto: a narrativa. Nele, o narrador desenvolve seu discurso durante um certo tempo e o papel do interlocutor é refletido em seu discurso. Por exemplo, analisando um crioulo de Sierra Leone, Givón encontra correlação entre o grau de tematicidade dos participantes e a forma de expressão do SN indefinido. Em sua obra de 1989, estudando a referência em textos narrativos, Givón estabelece três graus de importância temática: a importância maior (participante principal), a importância média (participante secundário que está relacionado com o participante principal, ou participante secundário que aparece em junções temáticas importantes) e a importância menor (participante secundário). Em suas pesquisas, o autor pôde observar que sujeitos indefinidos mais marcados introduzem referentes novos no discurso que tendem a ser importantes no discurso subsequente. Sujeitos indefinidos menos marcados introduzem participantes de importância média ou participantes secundários, com menos ou nenhuma recorrência no texto. Os resultados, segundo Givón, sugerem que a forma de marcação dos indefinidos é sensível principalmente à pragmática da referência, isto é, à importância referencial.

Levando em conta essa proposta de Givón, Zilles (1992) afirma que a graduação de estruturas usadas em narrativas para a introdução de participantes deve ser: SN indefinido anteposto/construção existencial para personagem mais importante e provavelmente para personagem secundário com certo grau de importância temática; SN indefinido posposto/ordem VS para personagem com importância intermediária; SN indefinido posposto/ordem VO para personagem menos importante.

Nessa perspectiva da ordem das palavras, Green (apud Zilles, 1992) mostra que, em contextos narrativos, a construção VS pode ser usada para a introdução de personagem secundário, associando a ele o personagem principal. O estudo de Green indica, segundo Zilles, os seguintes fatos: a ordem VS é usada em narrativas escritas (caso do inglês); há correlação entre a ordem VS com função apresentativa e personagem secundário, relacionado com o principal; a posposição do sujeito ao verbo atribui ao tópico o valor menos importante. Então, personagens

secundários podem ser introduzidos depois do principal, indicados como menos importantes na posição pós-verbal. Também em português, afirma Zilles, podem ocorrer VS, VO com essa função e ainda SV. A agentividade pode, como a ordem SV, emprestar maior importância ao personagem secundário da narrativa.

De acordo com o que aqui foi colocado, há, no modelo funcionalista, tal como o proposto por Givón, estreita articulação entre tópico, marcação do tópico, ordenação das palavras e tipo de texto. No estudo da narrativa, a organização tópica parece estar relacionada principalmente ao personagem.

Não se conhecem estudos que tratem especificamente do tópico em textos argumentativos. Este trabalho pretende estudar esse tipo de texto, servindo-se da proposta de Givón no que diz respeito à realização do tópico. Pressupõe-se que, tendo em vista a superestrutura argumentativa, em que não há um participante, entidade do discurso, que tenha a mesma função e a mesma importância que no texto narrativo, a análise aponte para uma realização tópica diversa daquela encontrada por Givón. É o que se quer averiguar, por meio das análises realizadas.

3. Metodologia: corpus e procedimentos para a análise dos dados

O corpus deste trabalho é constituído de 12 textos argumentativos orais e 12 escritos. Foram selecionados, para o oral, programas de rádio e de televisão em que há interação comunicativa, ou seja, entrevistas argumentativas. Graus maiores de formalidade decorrentes da presença de microfones e do fato de o emissor estar sendo ouvido ou assistido por pessoas desconhecidas não foram esquecidos. Mas levou-se em conta também o fato de que o entrevistador pode fazer variar esse grau de formalidade.

Para o escrito, foram escolhidos textos de opinião e editoriais das revistas "Veja", "Isto é, Senhor" e dos jornais "Zero Hora" de Porto Alegre e "Folha de São Paulo". O mesmo cuidado foi tomado em relação a graus de formalidade.

Para proceder ao levantamento dos dados, foi elaborada uma ficha onde foram registrados os elementos considerados tópicos em cada oração⁵, sua função (sujeito ou objeto), sua forma de realização (zero, SN, oração, SN+oração), sua posição em relação ao verbo (pré ou pós-verbal), seu traço semântico (humano, animado, abstrato, concreto). Examinou-se igualmente como se organiza a cadeia equitópica, ou seja, os elementos referenciais, incluindo a função desses elementos antecedentes, a distância referencial e o número de menções. Como acréscimo, foram anotadas, na coluna das observações, peculiaridades tais como: deslocamentos, topicalizações, sentenças clivadas, passivas, extensão do tópico, etc.

É importante registrar que o procedimento para a análise dos dados aqui descrito é de inteira responsabilidade das pesquisadoras. Givón não propõe em seu trabalho uma metodologia para análise de textos.

Depois de identificados os dados, fez-se uma análise quantitativa em forma de tabelas. A análise qualitativa, desenvolvida a seguir, procura apontar as diferenças de realização dos tópicos nos textos argumentativos orais e escritos. Foram observados: o traço semântico do elemento topical, o "status" referencial (novos⁶ ou ancorados), a sequencialidade tópica, ou

⁵ A busca de um tópico em cada oração respalda-se na pressuposição de Givón de que há diferentes tipos de orações, todas reguladas pelo verbo, elemento central em sua composição. Esse verbo, por sua vez, define-se semanticamente através dos participantes envolvidos no estado ou evento que codifica. Tendo o agente como protótipo, os papéis semânticos hierarquizam-se, conforme os seus traços semânticos, na possibilidade de ocuparem a posição mais importante da oração. Assim, há uma organização semântica, um *frame* que envolve o verbo e define a existência de elementos cuja organização obedece a uma definição pragmática, com implicações cognitivas. Há sempre um candidato a ocupar a posição mais proeminente da frase, isto é, a posição de sujeito. Dessa forma, "em uma perspectiva pragmático-discursiva o sujeito é o tópico primário da oração" (Givón, 1993, p.94). Se o tópico não for o sujeito, pode ser o objeto direto ou indireto. Essas colocações permitem dizer que cada oração, dentro desse quadro, possui um tópico, mais constantemente o sujeito da oração.

⁶ A acepção em que estamos vendo o tópico, ou seja, aquilo sobre o que se fala, o *aboutness* permite-nos entendê-lo como novo, quando em primeira menção. Como salientamos anteriormente, em um segundo momento colocamos em pauta o outro critério estabelecido por Givón, a persistência desses elementos no discurso, fator que os torna importantes e, sob certo ponto de vista, os definem como tópicos. A importância tópica é verificada através da análise

seja, sua constituição em cadeias, a posição do tópico em relação ao verbo, tendo presentes previsibilidade e importância, as construções relativas às anáforas conceituais, a extensão e a forma de realização do tópico.

4. Análise dos dados

Os participantes nominais da informação proposicional se realizam como sujeito, como objeto, ou outros. Somente são topicais aqueles cuja informação é "sobre eles". É nessa acepção que se insere a concepção tópica adotada neste trabalho, onde o tópico é visto como "a respeito do que se fala". A topicalidade é, nessa perspectiva, uma propriedade dos participantes nominais da oração.

Esse foi o critério para que apontássemos em cada oração o elemento mais proeminente, aquele a respeito do qual se fala, denominando-o provisoriamente de tópico.

É necessário que se considere, ainda, que, conforme Givón, o isolamento da oração e do seu participante topical é simplesmente um artefato. O que faz com que um participante oracional seja considerado topical não é o seu *status* como sujeito, objeto, ou como algum elemento marcado na oração. Um participante é topical quando é codificado, através de marcas topicais específicas, em uma seqüência de orações: elemento topical, portanto recorrente e importante no discurso.

Esse outro aspecto é explorado no decorrer do trabalho, quando se analisam as relações semânticas entre os tópicos e a formação de cadeias topicais.

4.1 O tópico do texto argumentativo

4.1.1 O traço semântico

Levantados os dados relativos aos traços semânticos no oral e no escrito, foram elaboradas as tabelas 1 e 2, apresentadas a seguir:

TABELA 1 - TRAÇOS SEMÂNTICOS - TEXTOS ORAIS

HUM		N-HUM		Nº. OR.	TEXTO	
ABS		CONC				
nº	%	nº	%			
12	41,3	17	58,6	-	29	1
04	16,6	15	62,5	05	24	2
03	16,6	15	83,3	-	18	3
08	44,4	10	55,5	-	18	4
14	66,6	07	33,3	-	21	5
25	71,4	10	28,5	-	35	6
11	64,7	06	35,2	-	17	7
16	43,2	21	56,7	-	37	8
44	63,7	25	36,2	-	69	9
31	55,3	25	44,6	-	56	10
27	65,8	14	34,1	-	41	11
16	88,8	02	11,1	-	18	12
Total						
21	55,0	167	43,6	05	1,3	383

Nos textos orais analisados, encontrou-se predominância do traço "humano" em 55,0% dos elementos topicais. Esses dados aproximam, de certa forma, os textos argumentativos orais dos narrativos e da conversação, que têm freqüentemente como temas as questões que envolvem o cotidiano do ser humano, tendo como norma, portanto, ser humanamente orientado.

Givón procura justificar o fato de a condução temática ser contextualmente dependente. Para ele, o uso do agente no lugar do sujeito (como elemento topical) em orações transitivas, forma mais freqüente, portanto não-marcada, reflete uma norma cultural, que é falar egocentricamente mais sobre actantes humanos do que sobre coisas não-humanas.

A predominância do traço "humano", encontrada nos tópicos dos textos argumentativos orais, em princípio contraria as observações realizadas e as da literatura existente. Procurou-se encontrar as razões que provocam essas peculiaridades. Verificou-se que os entrevistados nos textos que formam o *corpus* do

das cadeias tópicas, incluindo a análise do tipo de ligação semântica existente entre esses elementos.

oral são, em sua maioria, pessoas representativas de entidades civis e governamentais, o que provoca questões centradas na atuação do indivíduo, favorecendo a ocorrência dos referentes "eu", "nós", "a gente".

Por outro lado, verificou-se que, para esse mesmo tipo de texto, o percentual de tópicos abstratos, diferentemente das considerações feitas por Givón em seus trabalhos sobre a narrativa, são bastante altos, próximos dos valores encontrados para os tópicos humanos.

TABELA 2 - TRAÇOS SEMÂNTICOS - TEXTOS ESCRITOS

HUM		N-HUM		N°. OR.		TEXTO	
ABS		CONC					
n°	%	n°	%	n°	%		
11	25,0	33	75,0	-	-	44	1
4	11,7	30	88,2	-	-	34	2
5	9,6	41	78,8	6	11,5	52	3
31	49,2	31	49,2	1	1,5	63	4
18	37,5	28	58,3	2	4,1	48	5
8	17,0	37	78,7	2	4,2	47	6
18	43,9	19	46,3	4	9,7	41	7
23	37,0	37	59,6	2	3,2	62	8
13	31,7	28	68,2	-	-	41	9
49	57,6	36	42,3	-	-	85	10
29	34,9	54	65,0	-	-	83	11
27	55,1	22	44,8	-	-	49	12
Total	236	396	61,0	17	2,6	649	

Comparando-se os dados da tabela 2 com os dados dos trabalhos de Givón (1983a) e Bentivoglio (1983a), pode-se perceber que, enquanto nos textos narrativos predomina o traço + humano para os tópicos, nos textos argumentativos escritos, e também orais, isso não acontece. Observa-se na tabela 2 que a maioria são não-humanos. Há, nos textos analisados, 61,0% de tópicos não humanos, em oposição a 36,3% + humanos.

Confrontando-se as tabelas 1 e 2, observam-se discrepâncias. O argumentativo oral está em uma área de intersecção entre o argumentativo escrito e o narrativo em relação ao traço semântico.

4.1.2 Tópicos novos e ancorados

Givón pressupõe a existência, na memória episódica, de uma rede de nós conectados que tem hierarquia e seqüencialidade. Os nós são conectados aos nós adjacentes precedentes e subseqüentes. Conforme o autor, para garantir o acesso em série aos nós na representação mental do texto, os nós devem estar interligados num modelo híbrido, com inferências baseadas tanto em pistas lexicais quanto gramaticais. São dois modos de determinar onde e como articular a informação nova à representação mental do texto.

Nos textos argumentativos em estudo, procurou-se analisar se os elementos topicalmente colocados nas orações eram novos ou ancorados, isto é, se possuíam relações semânticas com outros elementos lexicais anteriores no texto, determinadas tanto por pistas gramaticais quanto lexicais.

TABELA 3 - TÓPICOS NOVOS E ANCORADOS - TEXTOS ORAIS

TEXTO	TOTAL DE ORAÇÕES	TÓPICOS NOVOS		TÓPICOS ANCORADOS	
		n°	%	n°	%
1	29	08	27,5	21	72,4
2	25	08	32,0	17	68,0
3	18	06	33,3	12	66,6
4	18	05	27,7	13	72,2
5	21	02	9,5	19	90,4
6	34	09	26,4	25	73,5
7	18	04	22,2	14	77,7
8	37	10	27,0	27	72,0
9	53	21	39,6	32	60,3
10	68	14	20,5	54	79,4
11	40	09	22,5	31	77,5
12	18	03	16,6	15	83,3
Total	379	99	26,1	280	73,8

TABELA 4 - TÓPICOS NOVOS E ANCORADOS - TEXTOS ESCRITOS

TEXTO	TÓP. NOVOS	TÓP. ANCORADOS	Nº DE OR.	NOVOS %	ANCORADOS %
1	11	33	44	25,0	75,0
2	16	18	34	47,0	53,0
3	23	29	52	44,2	55,8
4	23	40	63	36,5	63,5
5	16	32	48	33,3	66,7
6	18	29	47	38,3	61,7
7	19	22	41	46,3	53,7
8	24	38	62	38,7	61,3
9	11	30	41	26,8	73,2
10	19	66	85	22,3	77,7
11	23	60	83	27,7	72,3
12	21	28	49	42,8	57,2
Total/Média	224	425	649	34,6	65,4

De forma geral, constatou-se que, embora o discurso argumentativo, principalmente o escrito, pareça mais desconectado, por não apresentar um elemento referencial concreto com traço humano positivo, como se vê na narrativa, apresenta mais tópicos ancorados do que novos. Essa evidência indica que, sob esse aspecto, os textos são coerentes, demonstrando haver interligação entre os elementos.

Constatou-se que 26,1% dos tópicos, nos textos orais, eram novos e 73,8% estavam ancorados, quer dizer, possuíam relações semânticas com outros elementos presentes anteriormente no contexto discursivo. Já no discurso escrito, 34,6% não são mencionados anteriormente e 65,4% são ancorados.

Comparando-se os resultados do oral e do escrito, verifica-se que o escrito possui percentual maior de tópicos novos. Há assim maior descontinuidade tópica no texto argumentativo escrito.

Observa-se que a interligação entre os elementos de ancoragem se realiza através de tópicos que funcionam como eti-

quetas de arquivo para a acessibilidade mental de outros elementos da memória episódica.

Há relação bastante complexa entre os elementos topicais, conforme se observa no texto argumentativo escrito "Casas e lares".

Elemento topical: "crianças desaparecidas"

Oração Apresentação do Tópico

01	introdução do tópico
03	retomada com elisão de parte do tópico
05	tópico expandido
09	tópico expandido
10	tópico elidido
20	retomada parcial do tópico
21	tópico elidido
23	menos tópico (aparece no comentário)
30	tópico expandido
37	menos tópico (aparece no comentário)
42	retomada parcial do tópico
43	tópico elidido
44	expansão e substituição lexical do tópico
45	retomada parcial do tópico por pronominalização
46	tópico expandido

Nesse texto, o tópico "crianças desaparecidas" em alguns momentos é retomado somente por "crianças". Ocorre, portanto, a elisão de "desaparecidas". Verifica-se, porém, que essa informação é facilmente recuperável. Em outros momentos, há a retomada de apenas uma parcela do tópico. Frequentemente, a partir dessas retomadas, verifica-se a expansão do tópico, a particularização do tema proposto, etc. Mais difícil de ocorrer é a simples repetição do elemento nominal, ou a substituição lexical. Essa particularidade torna-se mais evidente no texto argumentativo escrito.

Os exemplos de (1) a (4) mostram algumas das diversas formas de retomada do tópico nos textos analisados.

- (1) As dificuldades do Rio Grande é (sic) tão grande (or.7) (...) a falta de dinheiro, a quebradeira da infra-estrutura, a miséria e o desemprego são tão grandes (...) (or.7) (especificação)

- (2) Em janeiro deste ano, quando eu comecei a percorrer o Rio Grande (...) (or.5)... eu comecei a dizer o seguinte (...) (or. 6) (pronominalização)
Como candidato \emptyset defendi isso e \emptyset procurei uma coligação ampla (...) (or. 12, 13) (elisão-anáfora zero) (...) e eu continuei perseguindo esse objetivo. (or.15) (pronominalização)
- (3) É incrível a fome que o trabalho de grupo desperta nos adolescentes (or.13) Bem, mas então eles se reúnem (or.14) (pronominalização)...dois ou três vão ler sobre Mendelejeff (or.18) (retomada parcial)... outros dois ou três vão reproduzir a tabela e assim por diante (or.19) (retomada parcial)
- (4) O futuro ministro do trabalho, já investido na sabedoria burocrática do cargo, está preocupado, muito preocupado e aflito (or.1) ... Sua excelência não concorda com as leis (or.3) (substituição lexical) (...) antes que o ministro as mude (...) (or. 6) (substituição lexical) (...) No fundo, está o futuro titular em busca de um modelo de rigorosa punibilidade (or. 19) O ministro dos trabalhadores propõe (...) (or. 22) (substituição lexical).

4.1.3 Seqüências tópicas

Procurando averiguar como se processa a continuidade tópica, realizou-se o levantamento das seqüências ou cadeias tópicas.

TABELA 5 - SEQÜÊNCIAS TÓPICAS - POR TEXTO - ORAL

n° or	% tóp descont.	% tóp em seq.	% ext.seq tópica		% encad. tópico		texto
			SM	sm	SM	sm	
29	34,4	65,5	36,8	10,5	85,7	50,0	1
25	12,0	88,0	31,8	9,0	85,7	66,6	2
18	33,3	66,6	33,3	16,6	50,0	50,0	3
18	16,6	83,3	60,0	13,3	77,7	100,0	4
21	4,7	95,2	38,0	10,0	68,7	100,0	5
34	20,5	79,4	51,8	7,4	85,7	50,0	6
18	33,3	66,6	41,6	16,6	60,0	50,0	7
37	10,8	89,1	27,2	6,0	77,7	100,0	8
68	26,4	73,5	32,0	4,0	68,7	100,0	9
53	35,8	64,1	41,1	5,8	78,5	100,0	10
40	27,5	72,5	58,6	6,8	88,2	100,0	11
18	16,6	83,3	55,5	26,6	90,0	50,0	12
Total / Média							
379	22,6	77,4	42,3	11,0	76,3	76,3	

Para os textos argumentativos orais, verificou-se que 77,4% dos tópicos estão em cadeias, formam seqüências e somente 22,6% não podem ser considerados tópicos, se for levado em conta o critério de recorrência, já que se apresentam desconectados, isto é, são mencionados uma única vez no texto.

Em seus estudos, Givón detém-se no aspecto da continuidade temática como uma medida catafórica. Se um referente recorre no texto e se assim acontece continuamente, este torna-se presumível. A atenção permanece ativada em relação àquele tópico e, dessa forma, continuam sendo gravadas no mesmo arquivo as informações novas referentes à cadeia tópica ativa.

Nos textos argumentativos escritos, 69,5% dos elementos nominais que ocupam posição topical formam cadeias, enquanto 31,7% são mencionados uma só vez no texto, conforme mostra a tabela 6.

TABELA 6 - SEQUÊNCIAS TÓPICAS - POR TEXTO - ESCRITO

nº or.	% tóp descont	% tóp em seg	% ext.seq tóp		% encad tóp		texto
			SM	sm	SM	sm	
44	27,2	72,7	40,6	6,2	53,8	50,0	1
34	44,1	55,8	31,5	10,5	66,6	0	2
52	46,1	53,8	25,0	7,1	28,5	0	3
63	33,3	66,6	30,9	4,7	53,8	3,3	4
48	22,9	77,0	27,0	5,4	20,0	75,0	5
47	31,9	68,0	22,0	2,0	73,3	75,0	6
41	39,0	60,9	32,0	8,0	25,0	0	7
62	56,4	59,6	16,2	8,1	33,3	100	8
41	26,8	73,1	43,3	6,6	92,3	100	9
85	23,5	76,4	35,3	3,0	73,9	100	10
83	13,25	86,7	23,6	2,7	58,7	100	11
49	16,3	83,6	29,2	4,8	33,3	66,6	12
Total/Média							
649	31,7	69,5	29,7	5,8	51,0	58,3	

Ao comparar as duas modalidades de texto, nota-se que as cadeias tópicas nos textos argumentativos orais são mais frequentes do que nos escritos, 77,4% para 69,5%. No escrito, portanto, há uma baixa em relação aos tópicos em cadeia e, conseqüentemente, mais elementos desconectados. Isso se reflete no percentual dos tópicos descontínuos dos textos argumentativos escritos que é maior do que para os textos orais: 31,7% para 22,6%.

Para se poder comparar como a importância temática dos tópicos se processa nas duas modalidades de linguagem, fez-se um levantamento da extensão das cadeias ou seqüências tópicas. No oral, as seqüências tópicas mais extensas ocupam 42,3% do total dos textos analisados e as seqüências menos ex-

tensas, 11,0%. Nos textos escritos, as cadeias mais extensas chegam a 29,7%, e as menos extensas ocorrem, em média, em 5,8%.

Os resultados obtidos permitem que se chegue às seguintes conclusões: as cadeias são mais extensas nos textos argumentativos orais. Há então maior continuidade referencial nessa modalidade de linguagem.

Avaliou-se ainda se as cadeias tópicas eram contínuas ou interrompidas e, se interrompidas, com que frequência o eram. O encadeamento do tópico para a seqüência maior e menor de cada texto indica que, quanto maior o resultado obtido, mais encadeada é a seqüência e menos interrompida.

As medidas resultantes mostram que as cadeias tópicas no oral são bem menos interrompidas do que as cadeias tópicas no escrito. Há, como expresso na tabela, em média 76,3% de encadeamento nas seqüências menores dos textos argumentativos orais. Por outro lado, a média de encadeamento das seqüências tópicas no escrito é de 51,0% para as cadeias maiores e de 58,3% para as menores. Esses resultados corroboram a questão da menor acessibilidade mental desses referentes nos textos argumentativos escritos, em relação aos orais.

4.1.4 O tópico e a ordem das palavras

Para Givón (1989), a função de sujeito é mais topical do que a de objeto. Estuda-se aqui a posição que o tópico ocupa na oração, em relação ao verbo.

Nos textos argumentativos escritos deste estudo, 90,7% dos tópicos estão em posição pré-verbal, o que significa que apenas 9,3% deles se encontra deslocado para depois do verbo. No oral a percentagem de tópicos deslocados é ainda menor, caindo para 3,6%.

As tabelas 7 e 8 apontam para esses fatos.

TABELA 7 - POSIÇÃO DO SUJEITO E DO OBJETO EM RELAÇÃO AO VERBO - TEXTOS ORAIS

TEXTO	Nº DE OR.	PRÉ-VERBAL				PÓS-VERBAL			
		SUJEITO		OBJETO		SUJEITO		OBJETO	
		n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
1	29	15	51,7	0		04	13,7	02	6,8
2	24	09	37,5	0		02	8,3	04	16,6
3	18	12	66,6	0		0		01	5,5
4	18	12	66,6	0		0		01	5,5
5	21	11	52,3	0		0		0	
6	35	17	48,5	0		02	5,7	0	
7	17	10	58,8	01	5,8	0		01	5,8
8	37	19	51,3	0		02	5,4	0	
9	56	41	73,2	0		02	3,5	01	1,7
10	69	37	53,6	01	1,4	03	4,3	02	2,8
11	42	26	61,9	0		01	2,3	01	2,3
12	18	10	55,8	0		0		0	
Total/ Percentual	384	219	56,4	02	0,6	16	3,6	13	3,9

TABELA 8 - POSIÇÃO DO SUJEITO E DO OBJETO EM RELAÇÃO AO VERBO - TEXTOS ESCRITOS

TEXTO	Nº de OR.	PRÉ-VERBAL				PÓS-VERBAL			
		SUJEITO		OBJETO		SUJEITO		OBJETO	
		n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
1	44	24	54,5	0		02	4,5	02	4,5
2	34	21	61,7	01	2,9	08	23,5	0	
3	52	35	67,3	0		06	11,5	03	5,7
4	64	41	64,0	0		06	9,3	02	3,1
5	48	27	56,2	0		05	10,4	05	10,4
6	49	30	61,2	0		02	4,8	03	6,1
7	41	26	63,4	0		05	12,1	01	2,4
8	62	32	51,6	0		06	9,6	0	
9	41	21	51,2	01		02	4,8	02	4,8
10	95	50	52,6	0		05	5,2	07	7,3
11	51	27	52,9	01		04	7,8	05	9,8
12	50	33	66,0	0		08	16,0	02	4,0
Total/ Percentual	631	367	58,5	03	0,2	59	9,9	32	5,9

Cabe a pergunta: por que alguns desses tópicos são deslocados para a direita do verbo, posição que é destinada à informação menos urgente? Sabe-se que os tópicos mais importantes são pré-postos e os menos importantes são pospostos.

Examinando-se os sujeitos-tópicos pospostos, constata-se que aproximadamente a metade, 50% no oral e 41,6% no escrito, são introduzidos por apresentativos, ou seja, expressões como "é fácil", "é importante", "é interessante", etc, que apontam cataforicamente para o tópico, que pode se realizar tanto sob a forma de SN quanto de oração ou SN+oração. É o que se vê em:

É saudável o propósito do futuro ministro da Educação de vincular a distribuição de recursos federais para os estabelecimentos de ensino a um rigoroso sistema de avaliação de seu desempenho. (texto 2, escrito)

... você se dá conta de como foi importante lutar pela liberdade. (texto 9, oral)

É incrível a fome que o trabalho de grupo desperta nos adolescentes. (texto 7, escrito)

Observa-se que o apresentativo desloca o tópico, nesse caso sujeito, para a direita, introduzindo elementos novos, abrindo nova seqüência tópica. Nota-se ainda que o tópico indicado por apresentativos é geralmente extenso, principalmente em textos argumentativos escritos:

... é preciso providenciar alguma coisa: por exemplo uma pizza daquelas tamanho roda de caminhão (texto 7, escrito)

Adjuntos adverbiais, em percentagem menor, 6,2% para os textos orais, mas 22% para os escritos, apontam igualmente para tópicos menos previsíveis em posição pós-verbal, geralmente tópicos extensos, principalmente no escrito:

No subsolo da sociedade moderna, em suas catacumbas, ainda impera a crença no demônio, nas maldições, no temor do extraterreno, na profunda desconfiança à modernidade. (texto 8, escrito)

Tópicos-sujeitos em posição pós-verbal podem retomar referentes anteriormente citados no discurso. Constata-se que a retomada do referente definido por meio da posposição do tópico-sujeito se faz por substituição lexical:

Observa o senhor Paulo Renato Souza que a tradição dos últimos governos (texto 2, escrito), onde o senhor Paulo Renato Souza refere o futuro ministro da Educação, da oração anterior.

A retomada do tópico é feita igualmente por anáfora conceitual⁷, em que não há referência a um elemento já dado, mas a uma idéia que subjaz a orações ou parágrafos anteriores. Em:

É mais que justificável tal diretriz. (texto 2, escrito)

o leitor deverá extrair a idéia de "diretriz" de, pelo menos 5 orações anteriores.

Na oração:

Em outros locais, onde existem estátuas de Hanuman - macaco sagrado- ...(texto 8, escrito) pode-se observar que *estátuas de Hanuman - o macaco sagrado* remete a *macaco - rei Hanuman* de 6 orações anteriores. Percebe-se que há retomada parcial do tópico da primeira menção através de *Hanuman*, mas há alteração do referente no acréscimo da informação *macaco sagrado*.

4.1.5 Acessibilidade mental e textos argumentativos orais e escritos

Reitera-se o postulado de Givón de que o texto é representado, pelo menos em parte, como uma rede de nós conectados. Essa rede tem dois traços: hierarquia e seqüencialidade. Os nós são conectados a outros hierarquicamente adjacentes: orações em relação a cadeias, cadeias em relação a parágrafos, etc. Os nós do texto mentalmente representado, especialmente durante a compreensão, envolvem duas direções: anafórica e catafórica. Mostra-se agora como se dá a retomada de idéias através das chamadas anáforas conceituais.

⁷ Entende-se por anáfora conceitual um elemento remissivo, normalmente um item mais gramatical do que lexical, que retoma não um elemento nominal específico, mas uma idéia contida em uma parcela, de extensão variável, de texto.

TABELA 9 - ANÁFORA CONCEITUAL - TEXTOS ORAIS

TEXTO	Nº OR.	ANÁFORA CONC.	
		nº	%
1	29	01	3,4
2	24	01	4,1
3	18	03	16,6
4	18	0	
5	21	0	
6	35	0	
7	17	0	
8	37	0	
9	69	04	5,7
10	56	04	7,1
11	41	01	2,4
12	18	0	
Total/ Percentual	383	14	3,2

TABELA 10 - ANÁFORA CONCEITUAL - TEXTOS ESCRITOS

TEXTO	Nº OR.	ANÁFORA CONC.	
		nº	%
1	44	01	2,2
2	34	03	
3	52	02	3,8
4	63	01	1,5
5	48	02	4,1
6	47	0	
7	41	01	2,4
8	62	02	3,2
9	95	0	
10	41	02	4,8
11	83	0	
12	49	01	2,0
Total/ Percentual	649	15	2,7

Nas tabelas 9 e 10, pode-se verificar que há ocorrência de anáforas conceituais nas duas modalidades de texto. Observa-se que, no oral, 50% dos textos estudados apresentam esse tipo de anáfora, contra 75% no escrito.

Pode-se observar ainda que as anáforas conceituais são de natureza diferente no oral e no escrito. No oral, essa forma de realização do tópico encontra dados para a sua identificação na situação discursiva, enquanto, no escrito, essas anáforas só podem ser resgatadas pelo leitor se ele buscar em sua memória episódica dados para a interpretação em contextos discursivos bem anteriores.

Pode-se afirmar que a anáfora conceitual exige do leitor/ouvinte um processamento mental complexo, tornando-se um elemento complicador da compreensão. Normalmente o texto argumentativo oral aqui analisado fica restrito a um tema específico, fato causado pela situação de entrevista em que, ao ser interrogado, o entrevistado busca construir um texto mais conciso, de forma a direcioná-lo à pergunta feita. Essa particularidade do oral contribui para uma maior facilidade na compreensão.

Outro fator que deve interferir como elemento dificultador da compreensão do texto, porque exige esforço maior de armazenagem da informação na memória episódica, é o que diz respeito à extensão dos tópicos.

Olhando as tabelas 11 e 12, nota-se que, nos textos orais, a quantidade de tópicos curtos, de até 3 palavras, é o que predomina: 88,2%. Nesse tipo de textos, apenas 10,6% têm quatro ou mais palavras. Já nos textos argumentativos escritos, os tópicos curtos, de três palavras, são menos freqüentes do que no oral, 74,9%, enquanto que os tópicos considerados longos, que contêm mais de quatro palavras, perfazem um total de 24,9%.

TABELA 11 - EXTENSÃO DOS TÓPICOS
(NÚMERO DE PALAVRAS)
TEXTOS ORAIS

Texto	até 3 %	4 ou + %
1	69,1	30,9
2	79,2	20,8
3	88,9	11,1
4	88,9	11,1
5	100,0	
6	88,5	11,4
7	76,5	23,5
8	100,0	
9	91,9	8,1
10	89,5	10,5
11	97,5	2,5
12	88,9	11,1
Média	88,2	11,7

TABELA 12
EXTENSÃO DOS TÓPICOS
(NÚMERO DE PALAVRAS)
TEXTOS ESCRITOS

Texto	até 3 %	4 ou + %
1	79,8	20,2
2	61,9	38,1
3	79,0	21,0
4	64,7	35,3
5	59,0	41,0
6	79,7	20,3
7	75,7	24,3
8	82,9	17,1
9	70,8	29,2
10	86,0	14,0
11	85,6	14,4
12	73,7	26,3
Média	74,9	25,1

4.1.6 Formas de expressão do tópico

De acordo com os postulados de Givón, a gramática é um conjunto de instruções mentais que não interage diretamente com o texto, mas interfere na mente de quem produz e de quem interpreta o texto. A construção do discurso é resultado da interação entre duas perspectivas: a do emissor e a do receptor, cada qual construindo um modelo dentro de sua própria perspectiva e do outro. A gramática da coerência referencial tem recursos usados pelo emissor para sinalizar o discurso para o receptor.

Sinais gramaticais (morfemas, construções sintáticas) agem como instruções mentais de processamento e compreendem o estabelecimento de um tópico e o acessamento do referente armazenado em algum local na memória do receptor em relação ao discurso precedente.

Tendo presentes essas considerações, procedeu-se ao levantamento das formas de realização do tópico, isto é, os recursos gramaticais utilizados para sua codificação. O fator previsibilidade do tópico determina, segundo Givón, sua forma de codificação. E aqui entra novamente a consideração da recorrência de determinados elementos nominais no texto. Assim, quanto mais previsível é o tópico, menor é a necessidade de material de codificação. Isso provoca uma escala que vai do mais previsível, que permite o uso da anáfora zero, ao menos previsível, registro feito por orações.

Os recursos que mais aparecem nos textos são anáfora zero, pronomes, sintagma nominal pleno, definido ou não, oração.

As tabelas 13 e 14 expressam numericamente as formas de expressão do tópico nos textos argumentativos orais e escritos.

TABELA 13 - FORMAS DE EXPRESSÃO DO TÓPICO - TEXTOS ORAIS

TEXTO	SN		SN+OR		OR		0		PRON.		TOTAL DE TÓPICOS
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	
1	16	55,1	0		02	6,8	07	24,1	03	10,7	29
2	12	50,0	0		0		08	33,3	04	16,6	24
3	08	44,4	0		0		04	33,3	06	33,3	18
4	06	33,3	0		0		05	27,7	07	38,8	18
5	01	4,7	0		0		09	42,8	11	52,3	21
6	08	22,8	0		0		15	42,8	13	37,1	35
7	05	29,4	01	5,8	01	5,8	04	23,5	06	35,2	17
8	11	29,7	0		01	2,7	17	45,9	08	21,6	37
9	22	39,2	0		02	3,5	10	17,8	22	39,2	56
10	16	23,1	0		0		28	40,5	25	36,2	69
11	04	9,7	0		03	7,3	14	34,1	20	48,7	41
12	02	11,1	0		0		08	44,4	08	44,4	18
Total/Percentual	11	29,3	01	0,4	09	2,1	129	33,2	133	34,4	383

TABELA 14 - FORMAS DE EXPRESSÃO DO TÓPICO - TEXTOS ESCRITOS

TEXTO	SN		SN+OR		OR		0		PRO		TOTAL tóp.
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	
1	21	47,7	01	2,2	02	4,4	12	27,2	08	18,1	44
2	24	70,5	0		01	2,9	03	8,8	06	17,6	34
3	24	46,1	02	3,8	06	11,5	08	15,3	12	23,0	52
4	31	48,4	02	3,1	02	3,1	11	17,1	18	28,1	64
5	25	52,0	03	6,2	02	4,1	11	22,9	07	14,5	48
6	22	34,9	01	1,5	02	3,1	17	26,9	21	33,3	63
7	21	51,2	02	4,8	05	10,4	09	21,9	04	9,7	41
8	24	38,7	01	1,6	01	1,6	21	33,8	14	22,5	62
9	19	46,3	0		0		14	34,1	8	19,5	41
10	31	36,0	0		02	2,3	32	37,2	19	22,0	86
11	23	45,0	0		02	3,9	14	27,4	12	23,5	51
12	19	38,0	03	6,0	02	4,0	07	14,0	19	38,0	50
Total/Percentual											
	284	44,6	15	2,3	27	4,2	159	25,0	148	23,2	636

No oral, há um percentual de 33,2% de anáforas zero, 34,4% de pronomes, 29,3% de expressões nominais ou sintagmas nominais, 0,4% de sintagmas nominais seguidos de oração e 2,1% de orações nominalizadas.

No oral, predominam, então, os pronomes. Após aparecem as anáforas zero e, na seqüência, os sintagmas nominais. São pouco expressivas as realizações em forma de SN +orações e em forma de orações.

Nos textos argumentativos escritos, há 23,2% de pronomes, 25,0% de anáforas zero e 44,6% de SN. Além desses, há, mais do que no oral, SN+orações e orações nominalizadas.

De acordo com os resultados, há divergência entre os textos argumentativos escritos e os orais também em relação à forma de realização do tópico. Enquanto nos orais há predominância de anáforas zero e de pronomes, nos escritos predominam os SN.

Segundo Givón, o referente topical contínuo é codificado normalmente como zero ou pronome anafórico. Essa é a forma não-marcada em termos estruturais, distribucionais e, sobretudo, cognitivos. A situação oposta, forma marcada, é um recurso de codificação de referentes descontínuos.

Os SN plenos + orações ou as orações nominalizadas, formas encontradas com mais freqüência nos discursos argumentativos escritos, pertencem à categoria marcada.

Procurou-se analisar o que torna esses elementos referenciais descontínuos, portanto, marcados, através do uso de sinais gramaticais: a quantidade de material de codificação.

Verificou-se que há maior freqüência de introdução de tópicos novos, mais formação de novas cadeias tópicas, além de maior interferência de outros tópicos, como mostra a tabela 6 sobre seqüências tópicas, nos textos argumentativos escritos, do que no oral.

Percebe-se ainda que na maioria dos tópicos retomados por SN, nos textos argumentativos escritos, não há repetição do mesmo SN ou a simples substituição lexical. Há, na maioria das vezes, a retomada parcial do tópico acompanhada da expansão desse mesmo tópico.

O processamento de uma seqüência maior, além da complexidade referencial mencionada, requer maior esforço mental. Pode-se assinalar menor acessibilidade mental do tópico em textos argumentativos escritos e, dessa forma, maior dificuldade de compreensão.

Ainda sobre a questão da acessibilidade mental, foi realizado o levantamento dos tipos de pronomes topicais encontrados no oral e escrito.

TABELA 15 - TIPOS DE PRONOMES-TÓPICOS - TEXTOS ORAIS

TEXTO	Nº TOTAL DE PRON.	PRON. PESSOAIS		PRON. RELAT.		OUTROS PRON.	
		nº	%	nº	%	nº	%
1	03	03	100	0		0	
2	04	03	75,0	0		01	25,5
3	06	02	33,3	02	33,3	02	33,3
4	07	05	71,4	01	14,2	01	14,2
5	11	06	54,5	05	45,5	0	
6	13	09	69,2	01	7,6	03	23,0
7	06	05	83,3	01	16,6	0	
8	08	03	54,5	01	12,5	04	5,0
9	22	12	54,5	06	27,2	04	18,1
10	25	18	72,0	01	4,0	06	24,0
11	20	17	85,0	01	5,0	02	10,0
12	08	05	62,5	03	37,5	0	
Total/ Percentual	133	88	66,6	22	16,9	23	16,5

TABELA 16 - TIPOS DE PRONOMES-TÓPICOS TEXTOS ESCRITOS

TEXTO	Nº TOTAL DE PRON.	PRON. PESSOAIS		PRON. RELAT.		OUTROS PRON.	
		nº	%	nº	%	nº	%
1	08	0		07	87,5	01	12,5
2	06	01	16,6	04	66,6	01	16,6
3	12	05	41,6	05	41,6	02	16,6
4	18	08	44,4	05	27,7	05	27,7
5	07	02	28,5	05	71,4	0	
6	21	03	14,2	12	57,1	06	28,5
7	04	01	25,0	02	50,0	01	25,0
8	14	03	21,4	10	71,4	01	7,1
9	08	02	25,0	06	75,0	0	
10	19	08	42,1	06	31,5	05	26,3
11	09	05	55,5	02	22,2	02	22,2
12	19	03	15,7	15	78,9	01	5,2
Total/ Percentual	145	41	27,6	79	56,7	25	15,7

Como se pode constatar nas tabelas 15 e 16, há incidência maior de pronomes pessoais nos textos orais do que nos escritos. Esse fato, já referido anteriormente, é indício de continuidade do referente correntemente ativo.

Nos textos argumentativos escritos, em contrapartida, há incidência maior de pronomes relativos, que não indicam necessariamente a continuidade do tópico correntemente ativo na oração anterior. Pode aí acontecer a retomada de um elemento introduzido como não-tópico na oração anterior e tornado tópico através do pronome relativo. Além disso, a existência de pronomes relativos evidencia a presença de um número significativo de orações subordinadas, categoria marcada, conforme Givón, em relação a orações coordenadas. Esse tipo de oração denuncia complexidade sintática, portanto, dificuldade de processamento e, conseqüentemente, dificuldade de compreensão do texto.

5. Considerações finais

Com este estudo procurou-se investigar como se realiza a distribuição da informação em textos argumentativos orais e escritos, tentando identificar as estratégias de comunicação utilizadas nos discursos dessas modalidades de linguagem, especificamente os textos argumentativos.

Procurando suporte teórico para a investigação, constatou-se serem pouco expressivos os estudos sobre os textos argumentativos, especialmente no que diz respeito ao tópico.

Ao serem elencados os trabalhos sobre o tópico, procurou-se aqueles cuja reflexão envolvesse fenômenos lingüísticos primordiais para se chegar a um conhecimento mais preciso de como se processa a apreensão e a compreensão da linguagem. Pressupôs-se haver sustentação para o estudo nas pesquisas de Givón. Esse autor preocupa-se em analisar a linguagem em funcionamento, tendo em vista os fenômenos cognitivos que cercam sua produção e apreensão. Mas ocupa-se dos textos narrativos e das conversações, sendo muito pouca a referência a textos de outras tipologias.

Embora o interesse deste estudo centre-se nos textos argumentativos orais e escritos, e não em narrativas e conversações, procurou-se aplicar a proposta de Givón ao corpus constituído por textos de opinião, editoriais e entrevistas argumentativas. De posse dos resultados da aplicação, procedeu-se primeiramente à caracterização do tópico do discurso dos textos argumentativos em relação aos dados existentes para o discurso narrativo.

Averiguou-se que, se para o texto narrativo há um tópico centrado em um agente da ação verbal, muitas vezes humano, há, em contrapartida, em especial para o texto argumentativo escrito, um tópico centrado no abstrato e mais difuso. Nota-se que o texto argumentativo oral se situa em uma área de intersecção entre narrativa e argumentação escrita, quanto a esse aspecto.

Com o objetivo de fazer um levantamento das características do tópico no texto argumentativo oral e escrito, foram desenvolvidos estudos sobre: estatuto de ancoragem do tópico, as seqüências ou cadeias tópicas, a posição do tópico em relação

ao verbo, a acessibilidade mental nos tópicos argumentativos, as diferentes formas de expressão do tópico, entre outros.

Diante dos dados, pode-se dizer que, quanto à continuidade tópica, os textos argumentativos, tanto orais quanto escritos, apresentam mais tópicos ancorados do que novos, o que é um indicador de coerência textual. Comparando, no entanto, oral e escrito, percebe-se que o oral apresenta proporcionalmente mais tópicos ancorados e menos novos do que o escrito. Esse fato aponta para uma maior descontinuidade no texto escrito.

Quanto à relação entre o tópico e seu referente, fica claro que, muitas vezes, principalmente no escrito, o referente é retomado apenas parcialmente, ou é expandido, ocorrendo menos vezes a repetição do elemento nominal ou sua substituição lexical.

Verifica-se, no entanto, que os resultados das análises apresentados neste trabalho mostram serem insuficientes os estudos aqui realizados. Embora o trabalho de Givón tenha o atrativo de levar para o nível de discurso a discussão sobre os elementos topicais, os estudos por ele apresentados não mostram correlação entre os diferentes níveis do texto até chegar a uma macro e superestrutura. Assim, fica ainda o questionamento, dentro de uma teoria funcionalista, de como se articula o texto e, mais especificamente, como funciona o tópico para que, na perspectiva do produtor, aja como um propulsor temático, no sentido de que é o elemento que mais frequentemente conduz os temas que se reportam ao tópico ou tema discursivo, e, na perspectiva do interlocutor, funcione como um suporte para a apreensão e compreensão da mensagem.

Faz-se a partir dessas constatações uma nova proposta de estudo do tópico. Procura-se em primeiro lugar estabelecer uma nova definição tanto para o tópico como para a organização da informação, tendo em vista principalmente os conceitos de texto e de texto argumentativo. Assim, quer-se estudar o tópico numa perspectiva mais ampla, em que níveis de análise, que podemos designar por micro, macro e superestrutura, se articulem para constituir o todo semântico, que é o texto, ou o discurso, no qual a informação se organiza sob forma de tópicos e comentários. Entende-se que deste espaço pode-se identificar

o tópico através de um semantismo global, podendo-se, ao mesmo tempo apontar as cadeias que organizam a informação de forma que haja coerência no texto.

Referências bibliográficas

- ADAM, Jean-Michel. Types de séquences textuelles élémentaires. *Pratiques* 56, déc. 1987
- ANGENOT, Marc. *La parole pamphlétaire*; contribution à la typologie des discours. Paris: Payot, 1982
- ANSCOMBRE, Jean-Claude & DUCROT, Oswald. L'argumentation dans la langue. *Langages* 42, juin, 1976
- BENTIVOGLIO, Paola. Topic continuity and discontinuity: a study of spoken latin-american spanish. In GIVÓN, Talmy, ed. *Topic continuity in discourse: quantified cross-language studies*. Amsterdam: JohnBenjamins, 1983a.
- BRAGA, Maria Luiza. Construções de tópico e coesão. XIII *Anais de Seminários do. GEL*. Campus de Araraquara, 1986.
- CALLOU, Dinah et alii. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In CASTILHO, Ataliba Teixeira de, org. *Gramática do português falado: abordagens*, vol. 3. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo; FAPESP, 1993
- CHAROLLES, Michel. Les formes directes et indirectes de l'argumentation. *Pratiques* 28, oct. 1980.
- COMBETTES, Bernard. Introduction et reprise des éléments d'un texte. *Pratiques* 49, mars, 1986.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979 a.
- _____. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In GIVON, Talmy, org. *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1979 b.
- _____. Topic continuity in spoken English. In GIVÓN, Talmy, org. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. TSL3, Amsterdam: J. Benjamins, 1983.
- _____. Prolegomena to discourse pragmatics. *Journal of pragmatics*, 8, 1984 a.
- _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, v. 1. 1984 b.

- _____. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. Hillsdale, New Jersey: ELA, 1989.
- _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, v. 2, 1990.
- _____. The grammar of referential coherence as mental processing intructions. *Linguistics* 30 (1-3), 1992.
- _____. *Functionalism and syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Company, 1995
- HALLIDAY, M.A.K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1989 a.
- KOCH, I. et alii. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In CASTILHO, A., org. *Gramática do português falado*, v. 1: A ordem. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990.
- LANE, Philippe. L'hétérogénéité textuelle; étude d'un texte de Woody Allen. *Pratiques* 56, déc. 1987.
- OCHS, Ellinor. Planned and unplanned discourse. In GIVÓN, Talmy, org. *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1979.
- PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Traité de l'argumentation; la nouvelle rhétorique*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1958.
- PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: 4Pontes, 1987.
- REDEKER, Gisela. *On differences between spoken and written language*. *Discourse Processes* 7(1), 1984.
- VIGNAUX, Goerges. *Le discours argumenté écrit*. *Communications* 20. Paris: Seuil, 1973.
- ZILLES, Ana Maria. *A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos*. Porto Alegre: PUCRS, tese de doutoramento, 1992.